

Carro-biblioteca e leitura no Brasil: um binômio inseparável

Lígia Maria Moreira Dumont¹

Inicia com um histórico conciso sobre o carro-biblioteca no contexto internacional e nacional. Destaca a transição do objetivo primeiro da extensão bibliotecária - democratizar o livro - para o de desenvolver o gosto pela leitura. São relatadas pesquisas que buscaram detectar preferências de leitura de usuários de carros-biblioteca no Brasil, onde se constata o uso preferencial da literatura de lazer. A relação contexto do leitor e leitura a lhe ser oferecida é realçada como o fator primordial para se obter o desenvolvimento permanente da vontade de ler.

1 Onde tudo começou

Data de vários séculos a notícia sobre livros percorrendo os mais diversos trechos do planeta, para encontrarem o leitor. Harry Norris, referenciado por PENNELL(12), cita um registro que descreve nômades conduzindo "camelos-biblioteca" através do deserto do Sahara, com uma carga preciosa de manuscritos a caminho de seus leitores. Vagões-biblioteca e barcos-biblioteca também são variações usuais encontradas na história das bibliotecas móveis. Tem-se conhecimento de bibliotecas inglesas, australianas e escocesas emprestando "caixas de livros" a escolas e outros locais, desde o início do século 19. Portanto, é difícil determinar quando e onde surgiu a primeira biblioteca ambulante, precursora do carro-biblioteca.

¹ Professora da Escola de biblioteconomia da UFMG

O primeiro bibliotecário a visualizar um sistema que permitisse a mobilidade de livros, concebendo-o praticamente nos mesmos modelos utilizados nos tempos atuais, foi o inglês Dr. Thomas Bray, que escreveu a um amigo, em 1679: "Bibliotecas estáticas significarão pouco em países onde as pessoas necessitarão se locomover várias milhas a procura de um livro, mas bibliotecas que façam empréstimo e que cheguem até o leitor sem nenhuma cobrança podem, satisfatoriamente, suprir as falhas de seus estudos até que um serviço permanente de empréstimo de livros seja implantado." (10)

Pode-se constatar que o conceito de deslocamento de livros até os leitores, delineado por um profissional, ou seja, da extensão bibliotecária, advém de três séculos atrás; mas, a efetivação de um serviço formal e planejado de carro-biblioteca data de 1905. A concepção é creditada à bibliotecária norte-americana Mary Lemist Titcomb, que trabalhava, naquela ocasião, na *Washington Court Free Library* da cidade de Hagerstown, Maryland, USA. O carro é descrito como um carroção puxado por dois cavalos, similar aos utilizados para entrega de cargas de uma mercearia. A adaptação de prateleiras externas e o local de armazenamento interno somavam espaço para aproximadamente 2560 volumes, a serem entregues diretamente na porta de residências rurais e dentro das 500 milhas quadradas do território de Washington County, Maryland. O fato pitoresco relatado sobre esse carro é que, por ter sido pintado de preto, as pessoas a princípio o confundiam com um carro fúnebre. (10)

Nesses primeiros estudos não foi identificada a preocupação explícita de desenvolver o gosto pela leitura. O objetivo primordial era o empréstimo de livros, a sua divulgação. Até aquela época, eram poucas as camadas da população que possuíam acesso à leitura e aos livros, aos quais era creditada a possibilidade de auto-aprimoramento, tão ao gosto das culturas anglo-saxônicas, o que por si só justificava a sua divulgação, sem o caráter de prazer subjacente ao gosto.

Isso posto, seria interessante fazer uma rápida digressão referente à história do ato de ler. É importante lembrar que, após Gutenberg, a cultura do ocidente transfere-se para a cultura do impresso: os produtos do prelo saem em maior número de exemplares e mais baratos. Conseqüentemente, de caráter reservado, dirigido à elite erudita, os livros

passam a atingir maior número de pessoas. O primeiro produto impresso a ter ampla tiragem foi a Bíblia. Isto ocorreu porque, na Europa, a igreja protestante desejava crescer e para isso necessitava divulgar a sua doutrina, os preceitos religiosos e, assim, propiciar acesso à palavra de Deus, como afirmava o próprio Lutero. Para tanto, tornava-se forçoso inicialmente alfabetizar a população e, apesar de não ter sido essa a intenção da igreja protestante, havia sido dado o primeiro grande passo rumo à socialização do domínio do ato de ler.

Posteriormente, a imprensa passa também a editar os libretos populares, as estórias cavalheirescas e relatos de fatos cotidianos e efêmeros. Surgem as críticas que mais tarde seriam imputadas aos meios de comunicação de massa: seus produtos entorpecem a conduta política, servindo como pacificadores e divulgadores da moral dos detentores do poder. No entanto, comprovadamente, as publicações contribuíram para a alfabetização do seu público. Os jornais populares surgem logo a seguir e um dos componentes fundamentais para a ampla divulgação dos textos foi a tecnologia de impressão, cada vez mais desenvolvida, diminuindo o custo do produto e possibilitando produzi-lo em larga escala.

Uma das características das sociedades da era moderna é a emergência das camadas tidas como subalternas, que passam a utilizar bens de consumo e culturais, cujo acesso até então lhes era negado. Nas sociedades anteriores, uma grande parcela da população nascia e permanecia marginal durante toda sua vida. Aos poucos, passa a assinalar sua presença na cultura e na história, ainda que na maior parte das vezes relegada a um papel secundário. A situação antropológica que marca, portanto, a sociedade moderna ocidental é, além da emergência das camadas populares, o alargamento do consumo dessas sociedades de produtos culturais antes reservados à elite letrada.

2 Programas pioneiros de carro-biblioteca no Brasil

São poucos os serviços de carro-biblioteca atuais, ou que já existiram no Brasil, principalmente levando-se em consideração a extensão territorial do país. É também uma modalidade de serviço informacional relativamente nova, pois data de 1936 o primeiro serviço de que se tem notícia. Foi instituído por Mário de Andrade, através do Departamento Municipal de Cultura, da cidade de São Paulo. Era um carro pequeno, com vitrines e sua pretensão era "espalhar livros através de uma coleção

circulante do automóvel-biblioteca". Portanto, a idéia primeiramente relatada dos serviços de extensão bibliotecária no Exterior - larga divulgação dos livros, oferecendo assim às pessoas uma possibilidade de auto-aprimoramento - também vigorou entre os representantes das instituições que fomentavam a cultura e a educação em nosso país.

O segundo precursor do carro-biblioteca no Brasil teve seu projeto apresentado no 1º. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em 1954, na cidade de Recife, pelo então chefe do Departamento de Cultura do Estado de Pernambuco, José Césio Regueira. Esse projeto veio efetivamente a se concretizar, mas, infelizmente, foi desativado poucos anos após a sua inauguração. Isso se deveu a problemas de mudança, tanto dos mandatários do estado, quanto dos diretores da Biblioteca Pública de Pernambuco. Apresenta-se aqui uma realidade que, às vezes, ainda se constata no país até nos presentes dias: a descontinuidade; ou seja, ao mudar o governo, ou o partido político dos governantes, modificam-se também as suas prioridades. É comum perceber programas de governo que não têm qualquer comprometimento com a continuidade daqueles já estabelecidos, principalmente nas áreas de educação e divulgação da cultura.

A Biblioteca Pública do Paraná inaugurou em 1957 o seu primeiro carro-biblioteca, como parte dos festejos comemorativos do primeiro ano de governo de Moysés Lupion, então governador do estado. Era um veículo anteriormente usado pela Editora Ipê para serviços de propaganda e, portanto, não muito adequado para o serviço de empréstimo, pois só possuía vitrines externas, fechadas. Foram adaptadas, internamente, uma estante para livros, mesa e fichários. (FIG. 1)



FIGURA 1 - Primeiro carro-biblioteca da Biblioteca Pública do Paraná - 1957
Fonte - Profª Etelvina Lima

A efetiva concretização de um serviço regular de carro-biblioteca no Brasil ocorreu em 1959, em Minas Gerais e Paraná, com projetos desenvolvidos simultaneamente pelas bibliotecas estaduais. Os dois serviços continuam funcionando até a presente data, tendo sido usados diversos modelos de carros.

Outra grande iniciativa de serviços de carros-biblioteca no Brasil foi a do Instituto Nacional do Livro - INL, que começou seu programa em 1970. O sistema se compunha de um convênio por regime de comodato com os estados da união, de um veículo modelo Kombi, adaptado para um acervo inicial de 1500 livros. Seis estados possuíram esse tipo de carro: Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará, Paraíba e Minas Gerais (através da Escola de Biblioteconomia da UFMG). O programa tinha a preocupação de atingir comunidades da periferia das capitais do país, desprovidas de qualquer serviço de biblioteca. Partia-se do pressuposto de que a região central, de uma forma ou de outra, já possuía algum serviço informacional ou de biblioteca. Ainda não se vislumbrava o objetivo de despertar o gosto pela leitura em geral, mas sim por uma literatura culta, pois a seleção de livros enviados aos carros se desenvolvia dentro dos mais altos padrões de linguagem e de assuntos. No caso do Carro-Biblioteca da UFMG, sempre houve a preocupação em complementar o acervo, tornando-o mais atrativo e direcionado à população atendida. Provavelmente, a direção dos outros carros deve ter tido a mesma preocupação e tomado atitudes semelhantes. Infelizmente, a Fundação Pró-Memória, com a qual o INL se fundiu em 1989, não levou o programa adiante.

3 Em Minas Gerais

Por ocasião da implantação do serviço de carro-biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, respondiam pela diretoria o Prof. Eduardo Frieiro e pela Divisão de Extensão, a Prof^a. Etelvina Lima². A verba para implantação do serviço foi conseguida em 1959, por intermédio do Dr. Júlio Furquim Sambaquy, então diretor da Divisão Administrativa do Ministério da Educação e Cultura, junto ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

² O histórico do carro-biblioteca no Brasil foi obtido através de entrevista com Etelvina Lima, professora emérita da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Na mesma ocasião, a Biblioteca Pública do Paraná, através de outras fontes, conseguiu a liberação de verba com a mesma finalidade, fato que possibilitou às bibliotecas de Minas e Paraná comprarem juntas os chassis dos carros. Adquiriram então as carrocerias de ônibus, que foram adaptadas aos chassis e, com base em catálogos americanos, realizaram o projeto do interior dos carros.

O Prof. Eduardo Frieiro decidiu pela implantação do serviço, com atendimento a bairros pobres de Belo Horizonte, cujas populações provavelmente nunca teriam condições de freqüentar a biblioteca sediada na Praça da Liberdade, um dos pontos mais nobres do centro da cidade. Pessoas com liderança em oito localidades escolhidas foram entrevistadas, com a finalidade de se sondar a receptividade das populações ao serviço. A divulgação foi efetivada através de alto-falantes instalados no próprio carro, antes da inauguração. O carro fez sua primeira visita à região situada entre o Morro São José e o Morro do Papagaio, que abrigam duas favelas. (FIG.3)



FIGURA 3 - Carro-Biblioteca do INL, coordenado pela Escola de Biblioteconomia da UFMG - 1982

FONTE - Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Essa tentativa da diretoria da biblioteca pública de popularizar o livro deparou com sérios problemas. Primeiramente, oferecia-se à comunidade um produto que não era de seu convívio. Como agravante, a constatação de que a maioria da população a ser atingida era analfabeta, ou semi-alfabetizada. Essa é uma situação que ainda hoje exige um estudo

minucioso, a fim de se definir a interação biblioteca - educação formal e o modo de se trabalhar integradamente com uma equipe interdisciplinar. A realidade é que, naquela ocasião, a Biblioteca Pública, por razões diversas, não tinha condições de desenvolver um programa mais arrojado, visando a despertar o interesse pela leitura em uma população favelada. Fez-se então necessário estender o atendimento a bairros proletários onde, pressupostamente, o usuário já teria os pré-requisitos básicos para desenvolver a leitura.

4 O usuário do carro e suas preferências de leitura

São justamente os aspectos referentes à leitura os mais enfatizados nas pesquisas sobre carro-biblioteca no Brasil. Pode-se então deduzir que a data das primeiras pesquisas publicadas sobre os usuários do carro, no início da década de 80, é o marco balizador da mudança do objetivo primeiro do serviço: de "espalhar livros", como bem disse Mário de Andrade na inauguração do primeiro carro-biblioteca para o de desenvolver o gosto pela leitura, mudando sua estratégia de prestação de serviço e desenvolvendo uma coleção predominantemente voltada para o lazer.

Podem-se traçar alguns paralelos entre os três serviços de carro-biblioteca, sobre os quais existe um volume significativo de relatos publicados: o da Biblioteca Pública da Paraíba, o da Escola de Biblioteconomia da UFMG e o da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Minas Gerais. Com referência aos dois primeiros, KREMER & TARGINO (9) fizeram um estudo comparativo, analisando a demanda de material de leitura requisitado pelas comunidades atendidas. Traçando um breve perfil do seu usuário, constata-se que a maioria é do sexo feminino, com predominância da faixa etária de 10 a 12 anos, poucos adultos. As comunidades atendidas são de periferia, com carências sócio-econômicas e desprovidas de qualquer tipo de instituição que forneça recursos informacionais ou leitura de lazer. Praticamente o mesmo foi detectado por AQUINO (2) na Biblioteca Pública de Minas Gerais, mas a predominância de crianças no primeiro estudo é bem maior.

Outro fato constatado nos três serviços de carro-biblioteca: não há necessidade de divulgação dos serviços nos locais visitados. Foi detectado nos estudos que a divulgação mais comum entre os que

procuram o carro é feita pela própria comunidade, através da informação veiculada "boca-a-boca" e isto tem funcionado satisfatoriamente bem, pois o cunho de credibilidade é alto e, por ser genuína, do local, toca no que lhes interessa. Um problema é que as populações atendidas são flutuantes, desde o início da prestação dos serviços. Assim, a frequência do usuário vai-se espaçando com o passar do tempo, embora o número total de pessoas aumente com o número de inscrições. Pode-se depreender dessa realidade que o desenvolvimento do gosto pela leitura, que hoje é o objetivo primordial do carro, vem encontrando dificuldades para sua efetivação. Passado o interesse primeiro, a curiosidade natural de quando se depara com uma novidade, o usuário necessita de um acompanhamento muito mais rigoroso, para que venha realmente a se tornar um verdadeiro leitor. Essa fase é a mais difícil para os serviços de carro-biblioteca no Brasil, encontrando como primeiro percalço, comprometedor de outros, o fato de estarem vinculados a setores do serviço público. Na etapa em que a assistência aos leitores tem que ser de caráter mais individualizado, faz-se necessário a agilidade de ação, a ajuda de outros profissionais, ou a aquisição de materiais não usuais no carro, dependendo da necessidade apresentada por cada comunidade, às vezes até de cada leitor. Enfim, é uma fase que depende muito da experiência, da criatividade dos profissionais que prestam serviço no carro, acrescida dos suportes, de credibilidade, técnico e financeiro da entidade à qual o carro esteja vinculado. Os entraves burocráticos do serviço público, bem como a sua política descontinuada de ação, certamente vêm comprometendo a efetivação de um trabalho mais adequado.

Com relação à preferência de leituras, os romances nacionais e estrangeiros têm grande primazia; também as revistas são muito procuradas, principalmente as de quadrinhos. As informativas, como *Veja* e *Isto É* têm boa clientela. Foi também observado, segundo os trabalhos anteriormente mencionados, que a leitura considerada ideal - que dá suporte ao ensino formal - é preterida em favor da leitura de lazer que é realmente buscada pelos usuários após a implantação dos serviços. Tal diferença se prende, provavelmente, à tendência cultural, aliás muito comum, de se considerar que o livro didático é mais importante que qualquer outro, ou que pelo menos deveria ser prioritariamente adquirido, quando se trata de uma biblioteca. Tal concepção distorcida, que muitos ainda têm de que as bibliotecas devem procurar como finalidade principal dar suporte ao ensino formal, é diretamente oposta ao que se verifica na

realidade dos carros-biblioteca brasileiros: a preferência é por livros de ficção, concentradamente romances, o que deixa clara a atuação do carro como instrumento de lazer.

AQUINO (2) observa que o tipo de leitura mais procurado pelos usuários do Carro-Biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais é a de lazer, tanto entre jovens quanto entre os adultos, sendo mais requisitados os livros das coleções "Barbara Kartland" e "Romance com coração"; esta última reúne Sabrina, Júlia e Bianca conhecidos como "água-com-açúcar".

Ainda na pesquisa de KREMER & TARGINO (9), foi observada grande número de leitores adolescentes retirando livros de contos de fadas. Igualmente MILANESI (11), nos seus estudos fundamentados em pesquisa realizada sobre leitura na cidade de Ibitinga, São Paulo, (1978), detecta a leitura de lazer como a preferida, principalmente pelos jovens: fotonovelas, revistas vendidas em bancas, entre outras, o da mesma série referenciada por AQUINO (2). A pesquisa teve como universo para entrevistas pessoas de vários segmentos da sociedade, não havendo qualquer vinculação proposital com bibliotecas ou qualquer outra instituição prestadora de serviços informacionais.

Partindo então da constatação mencionada nas pesquisas referenciadas, de que a leitura de lazer é a preferida por pessoas de vários segmentos sociais, e em especial daqueles que freqüentam carro-biblioteca, torna-se necessário explicitar algumas informações de teóricos que pesquisam o processo da leitura. Já é tido como certo que a leitura pressupõe a apropriação de um texto pelo leitor, o qual se encontra imbuído de várias expectativas com relação ao texto, expectativas estas que serão confirmadas ou não após a assimilação daquela escrita. Certamente, a leitura feita é imediatamente incorporada ao campo cognitivo das pessoas. Ao mesmo tempo em que satisfaz o gosto, faz o gosto. Mas, é nesse ponto que se encontram várias dúvidas, discutidas pelos teóricos que analisam o processo da leitura: como o fenômeno da incorporação de informações se processa, como se dá e até que ponto o leitor aceita ou não como verdadeira a informação transmitida: o que passa pela cabeça das pessoas quando elas lêem? Como a leitura incorpora-se à vida, ao cotidiano das pessoas? Quando é que elas sentem necessidade ou vontade de ler? E mais perguntas, específicas à literatura

de ficção: a leitura de romances é fuga, evasão? É válvula de escape? O mundo da irrealidade dá uma interpretação, ou é uma representação idealizada do mundo real? Enriquece ou não enriquece a vida das pessoas? Ou a leitura de romances sentimentais é chapada, uma vez que o leitor simplesmente não questiona o que está escrito, é um simples lazer, a satisfação de um gosto momentâneo, onde o leitor simplesmente não se preocupa em questionar o que está sendo transmitido?

Em contraponto à última hipótese colocada, teorias transmitidas pela obra de cientistas como Umberto Eco, Roland Barthes, entre outros (no Brasil pode-se citar Paulo Freire) afirmam que a leitura é lacunar, pois os domínios do autor e do leitor são diferentes contextos vivenciados por sujeitos diferenciados. A natureza dos textos permite várias leituras; sua polissemia está sugerida na forma de indicadores e a percepção do leitor é que vai detectá-los e determinar se aquele texto vai ao encontro ou não de suas expectativas; se há uma sintonia ou não com o texto.

Sem dúvida, a leitura de romances tem um papel de combater o tédio, pois o lazer, representado pela fuga do cotidiano é necessidade vital. Sabe-se também que os romances do tipo "de bolso", *os best-sellers*, são dirigidos a um grande público, pois o escritor desenvolve a capacidade de escrever exatamente aquilo de que o leitor cativo gosta - obras de leitura fácil. Conforme depoimentos de alguns leitores do Carro-Biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG, os romances "não quebram a cabeça", "não cansam" e "não me fazem pensar muito". Além de tudo, por ser a maioria publicada no formato *in oitavo*, ou de bolso, facilitam o transporte, podendo ser lidos em qualquer lugar e a qualquer hora: no ônibus, em filas, salas de espera de consultórios, em passeios, ou mesmo no trabalho, quando se trata de algumas profissões, como: ascensoristas, porteiros, recepcionistas de consultórios e escritórios, motoristas de taxi enquanto aguardam a chamada para uma corrida.

5 Conclusões

Através das teorias, conjecturas e questionamentos sobre o ato de ler, confrontados com a realidade das pesquisas sobre hábitos de leitura apresentadas, podem-se estabelecer algumas afirmações. A primeira, coerente com as teorias do processo do ato de ler, é que a leitura de romances, mesmo que tenham sido escritos com o intuito primeiro de lazer, também transmite informações ao leitor. Tem-se já como

comprovado que as informações passadas no ato de leitura são processadas e armazenadas, nem que seja em estado latente ou no campo do inconsciente, e podem ser resgatadas quando se defronta com a vivência de uma situação similar. No caso específico do romance de bolso, ou *best-seller*, cuja leitura o leitor afirma ser feita sem um esforço maior, não precisando "pensar muito", certamente torna-se necessária uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto. As informações podem estar-se incorporando ao repertório do leitor em estado bruto sem serem muito questionadas ou comparadas com a realidade, pois são obtidas no momento em que a pessoa se encontra com as guardas mais baixas. Daí a preocupação de que o leitor nunca se restrinja a um só tipo de leitura, não se limite a um só canal de informações. A leitura de romances como alavanca para outras é desejável, pois desperta o interesse para o ato de ler; é o início da trilha de uma caminhada que, mais adiante, poderá conduzir ao definitivo hábito de ler. E é exatamente na mudança de tipos de literatura que se faz necessária a interferência do profissional que está acompanhando o leitor ajudando-o a transpor essas etapas, para que venha a desenvolver uma leitura mais plural, diversificada. E tem-se constatado uma verdadeira relutância, por parte de alguns leitores, em enfrentar outro tipo de informação, outra realidade, que não seja aquela da compensação tão prazerosa, tão descompromissada, já sua conhecida, trazida pelos romances tipo *best-sellers* ou "de bolso".

Existe uma tensão fundamental entre a autonomia do leitor de fazer suas interpretações e o caráter autoritário do texto, que transmite exatamente o que o autor quis escrever. Esse aspecto contraditório da leitura, segundo CHARTIER (6), envolve "toda a história da leitura, ou toda a sociologia da leitura que se considere: o caráter todo poderoso do texto e o seu poder de condicionamento sobre o leitor - o que significa fazer desaparecer a leitura enquanto prática autônoma -; quer se considere como primordial a liberdade do leitor, produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares - o que significa encarar os atos da leitura como uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas às outras."

Outra questão muito importante e que precisa constantemente ser lembrada é a crítica ou interpretação diferenciada de vários leitores que lêem um mesmo texto, do qual depreendem informações ao sabor da sua vontade. Tem uma explicação e parte exatamente das diferenças

existentes entre os leitores, ou seja, a sua subjetividade. Primeiramente, essas diferenças influenciam as condições do momento: diversidade de expectativas, de estado de espírito, de disposição e de humor. Em segundo lugar, influenciam sua vivência anterior, o contexto mais amplo, macro, que se reporta à pluralidade das competências, às expectativas gerais e a motivações e influências de toda ordem, sempre relacionadas ao contexto no qual o leitor está inserido: a família, o ambiente de trabalho, enfim, a sociedade que o abriga, localizada em determinado tempo e espaço. Abordar a leitura é, portanto, considerar conjuntamente a irredutível liberdade do leitor e os condicionamentos do texto que pretendem refreá-la. A linha divisória entre essas duas realidades é tênue, sempre tensionada e constantemente uma sobrepõe-se à outra, como acontece comumente na leitura de romances. O leitor capta tão ativamente a trama vivida pelos personagens, que chega a sofrer, a chorar, ou mesmo a respirar aliviado ao fim de uma passagem angustiante. Em outra ocasião, dependendo do estado de espírito, o leitor pode reler o mesmo episódio e este não ocasionar nenhuma emoção, chegando mesmo a se admirar de como aquela leitura, agora inócua, afetara seus sentimentos; não porque ele esteja relendo o mesmo texto, cuja novidade - o desfecho da estória - já seja antecipada. Acontece que, nessa outra ocasião, devido ao fato de o leitor vivenciar um momento diferente, um novo contexto, aquela trama já não o toca; suas emoções estão direcionadas a outros fatos, outros problemas e a trama não o afeta como antes.

Pode-se depreender, pelos trabalhos referenciados, acrescidos das decorrentes reflexões e pelo relacionamento dos mesmos com os programas de carro-biblioteca, que atingir o objetivo primeiro - ou seja, despertar e consolidar o gosto pela leitura - é uma tarefa nada fácil. Torna-se imprescindível que os profissionais comprometidos com essa finalidade tenham conhecimento sistemático dos usuários e da comunidade aos quais os serviços são oferecidos, além de estarem a par das pesquisas sobre o assunto. Concorre para tornar o processo de desenvolvimento da leitura ainda mais complexo o fato de não existirem moldes e receitas prontas para indicar que leitura vai despertar a curiosidade, a vontade de ler de determinado tipo de leitor. Acrescente-se ainda que influenciam no processo o estado de espírito, os problemas ou alegrias vivenciados pelo leitor naquele exato momento.

Portanto, a proposta do carro-biblioteca de despertar o gosto pela

leitura, levando o que realmente possa interessar a determinada população - seja leitura de lazer, informacional ou dirigida a seus estudos - é uma tarefa complexa, um verdadeiro desafio. Fora de seu contexto, a leitura oferecida não interessará ao leitor. A primeira leitura e, posteriormente, o desenvolvimento efetivo e permanente do gosto de ler, dificilmente se efetivará - porque o homem lê num processo de interação contínuo entre sensações, emoções e pensamentos. Não se cria o interesse pela leitura se esta não estiver ligada à vivência do leitor. A compreensão do texto e, conseqüentemente, a leitura crítica, mais densa, que é o último patamar de qualidade idealizada, só se processará se o leitor perceber as implicações entre o texto e o contexto em que vive. Essa é a proposta dos profissionais que desenvolvem seu trabalho com os programas de carro-biblioteca, oferecendo diariamente a oportunidade de obter lazer e crescimento pessoal através da leitura a comunidades que ainda têm pouca familiaridade com o produto que lhes é apresentado. Partindo dos leitores, da primeira chance de uma leitura mais amena, que dá satisfação, até a incorporação de uma nova forma de ler, mais participante, chega-se assim à leitura plural, ou seja, além do prazer propiciado, complementa-se com a expressão de opinião, com o exercício de uma forma criativa, a ser mobilizada pelo próprio leitor.

Bookmobiles and reading in Brazil: an inseparable partnership.

Begins with a concise history of bookmobiles in national and international contexts. Describes the transition from the first objective of the extension library, that of bringing books to the people, to that of developing a taste for reading. Relates research that investigated reading preferences of bookmobile users, the outcome of which established user preference for leisure reading. The relationship between the reader and the reading that is given to him is singled out as the main factor leading to the development of a permanent pleasure in reading.

6 Bibliografia

- 1 ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Perspectivas da extensão na Escola de Biblioteconomia da UFMG. **Conexão**: Revista da Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v.6, n.6, p.32-33, mar.1994.
- 2 AQUINO, Geralda Júlia Fonseca de. **Biblioteca volante**. Belo Horizonte: Centro de Educação Permanente Professor Luiz de Bessa, 1983.
- 3 BARCELOS, G. M. F. et al. **Serviço de carros-biblioteca**: organização e funcionamento. Brasília: INL, 1983.
- 4 CABRAL, Ana Maria Resende. Carro-biblioteca: possibilidades de ação cultural. **Conexão**: Revista da Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v.2, n.2, p.28-30, jul. 1988.
- 5 _____ & DUMONT, Lígia Maria Moreira. O centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG: uma trajetória voltada para o social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n. especial, p.114-120, mar.1990.
- 6 CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- 7 DUMONT, Lígia Maria Moreira Dumont. **Integração comunidade e carro-biblioteca**: a estratégia de uso do audiovisual. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1988. (Dissertação - Mestrado).
- 8 FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 28.ed. São Paulo: Autores Associados, 1993. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares, p.22-35.
- 9 KREMER, Jeannette Marguerite & TARGINO, Maria das Graças. Carro-biblioteca e demanda: estudo comparativo em dois estados. **Estudos Avançados em Biblioteconomia e Documentação**, Brasília, v.2, p.71-91, 1983.
- 10 LEVINSON, Nancy Smiler. Takin'it to the streets: the history of the book wagon. **Library Journal**, New York, v.116, n.8, p.43-45, May 1991.
- 11 MILANESI, Luiz Augusto. **O paraíso via Embratel**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.145-150.
- 12 PENNELL, Lois G. Bookmobiles. In.: KENT, Allen; LANCOUR, Harold (Ed.) **Encyclopedia of library and information science**. New York: M. Dekker, 1970. v.3, p.1-57.